Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/crocifissione-copia.jpg): failed to open stream: No such file or directory in **/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php** on line **1563**

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/crocifissione-copia.jpg): failed to open stream: No such file or directory in **/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php** on line **1563**

Home

XXXIV domingo do Tempo Comum

Multithumb found errors on this page:

There was a problem loading image 'images/stories/priore/evangelodelladomenica/crocifissione-copia.jpg'

There was a problem loading image 'images/stories/priore/evangelodelladomenica/crocifissione-copia.jpg'

Crucifixão

25 novembro 2012

Reflexões sobre as leituras

de LUCIANO MANICARDI

Com reservas diante de Pilatos, Jesus clarifica eventuais equívocos sobre a sua realeza: esta não pode ser entendida como poder de ordem mundana e terreno.

---

25 novembro 2012
de LUCIANO MANICARDI

Ano B

Dan 7,13-14; Sal 92; Ap 1,5-8; Jo 18,33b-37

O ano litúrgico conclui-se com a celebração de Cristo ressucitado e elevado aos céus que recebeu do Pai o poder do céu e da terra e estende o seu reino sobre todo o Universo. Deste acontecimento é profética a visão de Daniel e é celebração doxológica o texto do Apocalipse. O Evangelho, apresentando o confronto entre Jesus e Pilatos, ajuda a compreender evangelicamente a qualidade do "reino" de que Jesus é portador. E ajuda a desfazer a ambiguidade de uma festa que celebra o “título” de Cristo (as liturgias antigas não celebravam os títulos de Cristo mas confessavam-os a partir das suas manifestações históricas na vida de Cristo) e que é marcada pelo clima cultural e político da época em que foi instituida (Pio XI, encíclica *Quas primas* de 1925) e ao qual procurava reagir com uma concepção da realeza de Cristo também como *rerum civilium imperium*.

Os três textos ajudam-nos a colher as três dimensões do reino de Deus sobre a humanidade. Em Daniel a figura que recebe o poder e o reino (cf. Dn 7,13-14) é uma personalidade corporativa, os filhos do Altíssimo (cf. Dn 7,18), o povo

eleito e perseguido, testemunha de fé até ao martírio. O Apocalipse anuncia a parúsia de Cristo, a sua vinda gloriosa; mas parúsia significava, no mundo antigo, a entrada solene do Rei na sua cidade para a tomada de posse. Cristo, com a sua vinda solene, manifestará a sua presença real a cada criatura cujo efeito será o arrependimento: “Todos os olhos o verão, até mesmo os que o trespassaram. Todas as nações da terra se lamentarão por causa dele." (Ap 1,7). Quanto ao confronto entre Jesus e Pilatos, ele precede a entrega de Jesus à crucifixão e a própria cruz será o lugar da paradoxal realeza de Jesus. *Cruz, martírio, arrependimento*: Cristo revela a sua realeza na cr*uz* e o crente deixa que a realeza de Cristo se manifeste na sua vida através do *arrependimento* e do *testemunho de fé até ao martírio*.

O episódio de confronto entre Jesus e Pilatos, centrado na realeza de Jesus, é interpretado por 1Tm 6,13 como o evento em que Jesus “deu testemunho numa bela profissão de fé”: a categoria da realeza atribuida a Jesus, deve ser completada por aquele *testemunho* (*martyría*) e por aquela *confissão de fé* (*homologhía*). A valência *pública* da fé cristã passa através de uma forma de vida que remete para o mistério divino, aquilo que acontece mediante a *martyría* e a *homologhía*.
Interrogado sobre a sua realeza, Jesus afirma ter vindo ao mundo “para dar testemunho (verbo *martyréo*) da verdade”. Jesus é o testemunho da revelação messiânica, daquela verdade que Ele próprio é (cf. Jo 14,6). A sua realeza é fundada na sua própria revelação que, por sua vez, explica como é acolhida no mundo a sua realeza: é a escuta da sua voz e o acolhimento da sua palavra que permitem ao crente que o Senhor reine sobre si (cf. Jo 18,37). Nem a imposição nem a coerção, nem a sedução nem a manipulação da liberdade do outro são os meios com que o Senhor reina sobre os crentes, mas sim a escuta da sua palavra que exige a liberdade e a responsabilidade do homem e que implica o sujeito no seu todo.

Com reservas diante de Pilatos, Jesus clarifica eventuais equívocos sobre a sua realeza: esta não pode ser entendida como um poder mundano e terreno. “A minha realeza não é deste mundo” (Jo 18,36). E portanto, não recorre aos meios e serviços deste mundo: força e poder, violência e armas. Se a sua realeza viesse deste mundo, Jesus teria um braço armado, servos armados que combateriam para O defender. A *não-violência* é um pedaço da realeza de Cristo na história.

Mas Pedro que desembainha a espada para defender Jesus, no momento em que o prendem, ferindo o servo do Sumo sacerdote (cf. Jo 18,10), mostra *incompreensão pela realeza de Jesus*: erro trágico que se repete de formas diversas na história da Igreja. Erro antigo e sempre novo.

LUCIANO MANICARDI

Comunidade de Bose

Eucaristia e Parola

Textos para as Celebrações Eucarísticas - Ano B

© 2010 Vita e Pensiero